

A INCLUSÃO EM EXPANSÃO: A EDUCAÇÃO PELA ARTE COMO POTÊNCIA HUMANIZADORA.

Ana Claudia Safons Soares¹; Larissa Patron Chaves²

¹Universidade Federal de Pelotas – acsafons@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – larissapatron@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Constituição Federal de 1988, alicerça o papel da educação como forma de desenvolvimento do homem a fim de que este possa assumir plenamente sua cidadania. Esse desenvolvimento pleno necessita que seja exercido o direito de acesso a todas as ferramentas que desvelem o contexto, as regras e valores sociais para uma maior e melhor compreensão e participação dos acontecimentos a sua volta. Exigindo muito mais que “capacidade” do ser humano, mas que exerça o direito ao acesso as ideias, valores, hábitos, conceitos, ou seja, a todo um universo cultural.

Inserido neste meio, torna-se imprescindível que ele compreenda este complexo cultural e isto é possível ao colocarmos em prática uma educação humanista com caráter emancipatório, onde se desenvolva elementos como a intuição, a emoção, a percepção, a criação e a imaginação, como suportes ao conhecimento sensível.

A partir dos anos de 1990, tomando como marco a Declaração de Salamanca (1994), foi dado início ao movimento de inclusão escolar, no qual explicita que as escolas deverão acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Incluindo crianças deficientes e superdotadas, crianças de rua e que trabalham, crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias linguísticas, étnicas ou culturais, e crianças de outros grupos desvantajados ou marginalizados. A inserção total de indivíduos em classes regulares de ensino independente de suas condições físicas, cognitivas, étnica, econômica ou religiosa torna-se presente.

Vemos aqui, que houve uma preocupação com as necessidades de aprendizagem de todas as crianças, não só a satisfação das necessidades básicas de aprendizagem (leitura, escrita, cálculo, solução de problemas), como os conteúdos básicos da aprendizagem (conhecimentos, habilidades, valores e atitudes). Portanto, para que ocorra a aprendizagem, os alunos necessitam de metodologias ou procedimentos diferenciados valorizando suas potencialidades e compreendendo suas necessidades com a finalidade de identificar caminhos onde eles possam aprender.

Encontramos na Arte um dos meios para propiciar o desenvolvimento pessoal do ser humano, por contemplar os diversos campos conceituais do conhecimento artístico (produção, fruição, reflexão e ressignificação), pensando a Arte não somente como integrante do currículo escolar, mas também como um dos caminhos inclusivos, instigando o aluno ao processo criativo, a práticas de aprender a ver, ouvir, atuar, observar, que o encaminhará para uma observação estética do cotidiano, levando-o a uma compreensão da vida além dos muros da escola.

A escola deverá levar em consideração essa pluralidade, considerando que todos os alunos são diferentes e que cada um tem uma forma específica de

aprender, cabendo a ela elaborar e criar estratégias que atendam a demanda e possibilitem condições especiais para os que dela necessitem.

Por compreender o sentido da Arte a partir de seu potencial humanizador, sensibilizador, inclusivo, o tema central desta pesquisa de conclusão do Curso de Artes Visuais Licenciatura não é somente a inclusão. Mas a Inclusão é que nos levará aos questionamentos de quem são esses sujeitos que permeiam o universo escolar. Sendo assim, o tema desta pesquisa se configura como a Arte como conhecimento sensível e humanizador e sua potencia no desenvolvimento/formação na Escola.

Como objetivo geral deste trabalho de pesquisa, queremos investigar as experiências em Artes Visuais na Escola e sua relação com a Educação do Sensível. Já como objetivos específicos a pesquisa procurará identificar se as estratégias promovidas pelos professores de artes visuais contribuem para o desenvolvimento humanizador/sensível de seus alunos; estudar conceitos de Educação Estética, Experiência Sensível, Professor Propositor; analisar a legislação que refere à questão do tema da Inclusão em seu eixo humanizador nos locais de formação; identificar processos criativos, obras e artistas contemporâneos cuja produção dialoguem com o tema da pesquisa; bem como identificar estratégias promovidas pelos professores de Artes Visuais para o desenvolvimento sensível do aluno; refletir sobre o uso de tecnologias educacionais assistivas e sua aplicação na Arte; contribuir com a discussão sobre o papel da Arte no desenvolvimento humano, tendo como ponto de partida a ação do professor propositor.

Para falar sobre Educação Estética, traremos nomes como Marly Meira e Silvia Pilotto, e Jacques Ranciere. MEIRA e PILOTTO (2012) escrevem sobre o tema no livro intitulado “Arte, Afeto e Educação – A Sensibilidade na Ação Pedagógica”, dizendo que os processos educativos por meio das experiências estéticas veem a ressaltar a busca pela sensibilidade, não só dos alunos, mas de seus educadores. A necessidade de despertar a sensibilidade dos alunos por meio dessas experiências de forma a envolvê-los na magia de aprender. A Arte e a criação como vital à construção do conhecimento e das relações afetivas em salas de aula. JACQUES RANCIERE (2012), fala sobre o tema em seu livro “O Espectador Emancipado”, onde se propõe a analisar a emancipação do espectador em face das manifestações artísticas contemporâneas, traçando uma comparação da atitude proposta ao leitor no campo da arte com a participação conferida aos alunos em um processo pedagógico. Ao tratar o conceito de estética, apresenta uma divisão política do sensível, referindo a uma passagem de um regime de representação, em que se poderia antecipar o efeito de uma obra, a um regime estético da arte, que rompe com o universo representativo hierarquizado e reafirma a arte como espaço capaz de criar, novas formas de pensar.

Para falar sobre Professor Propositor, falaremos nos nomes de Miriam Celeste Martins e Gisa Picosque, no livro “Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura” (2012), que trazem importantes questões sobre como tocar o outro para um encontro sensível com a arte. Indagam como tornar significativo o contato com reproduções ou livros de arte, questionando como propiciar uma experiência estética integral. Pensam em como o mediador pode superar o modelo positivista que pretende fazer pontes discursivas entre duas realidades preexistentes: a obra e o fruidor e, em como criar desafios estéticos para mobilizar fruidores ao encontro com a poética da linguagem da arte.

Para tratar sobre Experiência Sensível, John Dewey, em seu livro “A arte como experiência” (2010), onde define a arte relacionada à experiência como a

capacidade de elaboração, do princípio ao fim, das experiências do passado, do presente e das perspectivas futuras. A elaboração das lembranças do passado somadas aos desejos constitui o ideal imaginado para a experiência com estética. E, João Francisco Duarte Junior, em seu trabalho “O sentido dos sentidos: a educação (do)sensível” (2000), colocando que a educação estética é fundamental não apenas para a vivência mais plena do cotidiano, mas para os profissionais das diversas áreas. Em seu livro, explora questões que parecem comuns nas relações entre homem e sociedade como o conhecimento inteligível, que diz respeito a como o mundo é pensado por nós e o saber sensível seria como o nosso corpo conhece o mundo.

2. METODOLOGIA

Para atingir tal propósito esta pesquisa apresenta abordagem qualitativa do tipo estudo de caso, cujos instrumentos se definem no estudo de bibliografia específica sobre o tema, na aplicação de entrevistas abertas, semi estruturadas com professores de Arte de uma escola pública municipal na cidade de Pelotas (RS), e serão trazidas as experiências vivenciadas junto aos estágios realizados em uma turma dos anos iniciais e, em outra turma dos anos finais do ensino fundamental junto à referida escola.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sendo as linguagens da Arte o caminho que pode possibilitar ações para promover uma sociedade mais crítica, sensível, perceptiva das causas da humanidade e do papel humano enquanto agente transformador é necessário verificarmos se as experiências em Artes Visuais na escola são valorizadas como formação. Saber qual o potencial da disciplina de Arte no que refere processos de humanização no ensino é a principal questão problematizada nesta pesquisa.

Até o momento foram levantados aspectos importantes da pesquisa, tais como ao trabalhar com o tema Identidade, onde os alunos foram levados a perceberem-se como indivíduos, a situarem-se nos diversos ambientes, a aprenderem a diferenciar seus gostos e opiniões e progressivamente a compreender e respeitar a existência do outro. Neste momento, verificou-se dificuldade de representação nos alunos afrodescendentes, surgindo indagações de como trazer à tona o sentimento de pertencimento a uma etnia, a necessidade de (re)pensar ações afirmativas que favoreçam o desenvolvimento da autoestima e autoimagem dos alunos.

Outros questionamentos constituem o campo da investigação, tais como: como é visto o processo de integração dos alunos na sala de aula?; os docentes de Artes Visuais desenvolvem um trabalho capaz de despertar o (re)conhecimento de si e do outro?; identificam a disciplina de Artes Visuais no processo de humanização dos seus alunos?; qual a função da Arte e da Experiência Sensível na formação do sujeito?; há o fomentar ações que viabilizem a criação, fruição e ressignificação do trabalho artístico na escola?; como a Arte é presenciada e apropriada no cotidiano dos alunos e dos professores?

Sendo assim, o tema em questão constitui campo para amparar pesquisas, tendo em vista o entendimento da inclusão a partir do caráter expandido, ou seja, o pensar a educação pela Arte dentro de uma acepção sensibilizadora para todos. Passamos a viver em uma sociedade embrutecida, onde os sentidos parecem negados e as sensibilidades obscurecidas.

4. CONCLUSOES

Este trabalho de pesquisa se justifica pela possibilidade de ir além da inclusão, no sentido estrito do termo, na tentativa de evidenciar o papel da Arte na escola com crianças e adolescentes, como conhecimento sensível.

Entendemos, a partir do papel circunstancial dessa sensibilização, que a Arte pode promover encontros, percepções do outro, noções de alteridade e diversidade, temas caros para a reflexão sobre educação contemporânea.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BRASIL . **Constituição Federal**. Brasília – DF. 1988. BRASIL.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC/SEF, 1996. BRASIL. Ministério da Educação Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental

Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Brasília: MEC/SEF, 1988b. BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto Secretaria de Educação Fundamental.

DEWEY, John. Arte como Experiência. **São Paulo: Martins Fontes, 2010.**

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível. **Campinas, SP: Criar Ed., 2010.**

HERNANDEZ, FERNANDO. **Projetos de Artes visuais na escola**. Porto Alegre, Artes Médicas 1999.

Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.

MINAYO, M. C. (org.). **Pesquisa social – teoria, método e criatividade**. Petrópolis – RJ, Vozes, 1994.

RANCIERE, Jacques – **O Espectador Emancipado**. São Paulo: Editora WMP Martins Fontes, 2012.